



CÚPULA PELA PAZ NA UCRÂNIA

Reunião termina, mas sem consenso

Dezenas de países reunidos na Suíça reforçam apoio à soberania territorial da Ucrânia, mas defendem debate com Moscou. Principais potências mundiais não assinaram a declaração final do encontro

» ISABELLA ALMEIDA
» MARINA RODRIGUES

O segundo e último dia da Cúpula da Paz na Ucrânia ocorreu ontem, na Suíça, com a presença de 92 delegações nacionais e uma representação latino-americana robusta. A Rússia não foi convidada e a China cancelou a participação no evento, que terminou com uma declaração aprovada pela quase totalidade dos participantes — cerca de 80 nações. No entanto, sem o apoio de países como Brasil, Índia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.

Os participantes foram divididos em três grupos de trabalho neste domingo: segurança nuclear, assuntos humanitários, segurança alimentar e liberdade de navegação no Mar Negro. As discussões basearam-se em pontos consensuais do plano de paz apresentado pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, no final de 2022 e nas resoluções da ONU sobre a invasão russa. Os líderes mundiais reforçaram o apoio à independência e à integridade territorial da Ucrânia, mas reafirmaram a necessidade de incluir Moscou nas discussões e negociações sobre o fim da guerra.

Para a mestra e doutora em relações internacionais Mariana Kallil, professora de geopolítica da Escola Superior de Guerra, qualquer iniciativa de diálogo inclusivo é pilar fundamental da diplomacia e da paz. "Sem incluir todas as partes em pé de igualdade, no entanto, pode representar tentativa de manipulação pelos países que concentram poder e pode resultar em ainda mais demora ou mesmo em afastamento de qualquer solução que não seja militar".

A reunião ocorreu em um momento delicado para a Ucrânia no campo de batalha, onde as forças russas são mais fortes e estão em

maior número. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, insistiu, neste domingo, que não há "ultimato", mas uma "iniciativa de paz que considera a realidade no terreno". O Ministério da Defesa russo reivindicou neste domingo a tomada de Zaporizhzhia, sul da Ucrânia, além das condições impostas pelo presidente russo na última sexta-feira para o cessar-fogo.

"O fato de Putin ter anunciado as suas condições de paz não significa que ele está disposto a negociar. Inclusive, Zelensky já não está mais em seu mandato legítimo por ter acabado o tempo de seu período como presidente, o que dificulta, inclusive, a determinação de quais são os representantes da Ucrânia que poderiam estar na mesa de negociações", explica Gustavo Glodes Blum, doutor em geografia e analista geopolítico.

Doações à Ucrânia

De acordo com as últimas estimativas do governo ucraniano, o bombardeio russo das infraestruturas energéticas ucranianas levou a uma redução à metade da produção de eletricidade da Ucrânia desde o inverno passado. Além da ajuda de mais de 1,5 bilhão de dólares anunciada no sábado pela vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris, outros países se comprometeram a ajudar.

A Noruega anunciou, ontem, que destinará 1,1 milhões de coroas (cerca de 552 milhões de reais) à Ucrânia. Outros 11 milhões de dólares (58 milhões de reais) foram destinados a reparos de infraestruturas na região de Kharkiv, nordeste do país, segundo comunicado publicado enquanto Store está na Suíça, participando da conferência.

Oslo também prometeu 75 milhões de coroas (cerca de 37

Reprodução X Zelensky/Ua



Dúvidas marcam o último dia de cúpula pelo fim da guerra entre Ucrânia e Rússia

milhões de reais) para o período de 2023 à 2027, em ajuda militar e civil.

Empréstimo

As mensagens dos países que não fazem parte do círculo tradicional de apoio à Ucrânia não foram tão claras. A Arábia Saudita, aliada da Rússia na área da energia, disse que Kiev terá que assumir "um compromisso difícil" se quiser encerrar o conflito. "É essencial enfatizar que qualquer processo confiável vai necessitar da participação russa", disse o chanceler saudita, Faisal bin Farhan.

O presidente do Quênia, William Ruto, criticou as medidas ocidentais mais recentes contra a Rússia, referindo-se ao acordo

do G7 para oferecer um empréstimo de 50 bilhões de dólares à Ucrânia financiado com os rendimentos dos ativos russos congelados. "Assim como a invasão russa à Ucrânia foi ilegal e inaceitável, a apropriação unilateral de ativos russos é igualmente ilegal", afirmou Ruto.

O especialista Gustavo Blum esclarece que trata-se de uma questão de segurança jurídica. "Muitos foram congelados logo no início do conflito, em 2022. A grande maioria são de bilionários russos — alguns dos quais grandes oligarcas. Na realidade, a imagem da Europa e dos EUA como mercados 'seguros' está sendo colocada em cheque quando se observa a política de pressão máxima sobre a Rússia que

convive com o apoio a Israel. Os países emergentes observam isso e devem, no momento, estar também pensando em alternativas para alocar seus recursos".

Relatório final

Brasil, Índia, Arábia Saudita, África do Sul e Emirados Árabes Unidos, todos os quais têm importantes relações comerciais com a Rússia como membros do grupo econômico Brics, participaram da reunião, mas não concordaram com a declaração final conjunta. Outros países, como Armênia, Bahrein, Indonésia, Líbia, Tailândia e México, também não assinaram o documento.

O documento reafirmou "os princípios de soberania,

independência e integridade territorial de todos os Estados, incluindo a Ucrânia", apelou à troca de prisioneiros e à volta para casa de crianças deportadas para a Rússia. "Acreditamos que alcançar a paz requer o envolvimento e o diálogo entre todas as partes", diz trecho. Volodymyr Zelensky prometeu, no sábado, apresentar propostas de paz à Rússia assim que forem validadas pela comunidade internacional.

"A falta de unidade nas posições demonstra que por mais que o tópico em discussão seja a Ucrânia, como forma de apoiar um dos lados do conflito e isolar a Rússia, outras situações internacionais também influenciam na posição dos países. A situação em Gaza talvez seja a mais visível, mas foram citados também os conflitos na Síria, no Congo e no Iêmen.", diz Gustavo Glodes Blum.

Diferentes posições

As diferentes posições ilustram a dificuldade que Kiev vai enfrentar para conseguir que um grupo tão heterogêneo chegue a um acordo sobre uma proposta para a Rússia.

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade Nacional de Kyiv-Mohyla, questiona a posição das potências. "Estamos decepcionados com algumas posições de países, incluindo o Brasil, entendendo as pressões da Rússia e da China".

Ele afirma que, como a Rússia não cumpriu as resoluções, deve-se buscar métodos alternativos. "As cúpulas de paz globais fornecem outra plataforma diplomática para pressionar a Rússia. Não temos certeza de sua eficácia, mas devemos explorar todas as possibilidades. Precisamos de pressão internacional contínua".

ORIENTE MÉDIO

Pausas humanitárias, fim do horror distante

» ISABELLA ALMEIDA
» MARINA RODRIGUES

O Exército israelense anunciou, ontem, uma pausa diária nas operações em uma área mais ao norte de Gaza, para facilitar a entrada de ajuda humanitária no território palestino, arrasado pelos ataques e ameaçado pela fome. Após oito meses de bombardeios incessantes, o norte e o centro do território tiveram um momento de trégua na manhã de domingo.

"De repente, está calmo desde esta manhã, sem disparos, sem bombardeios, é estranho", afirmou Haiti al Ghouta, 30 anos, na Cidade de Gaza, no norte, que espera que este seja o prelúdio para um cessar-fogo permanente.

Porém, Israel reforçou se tratar apenas de pausa tática: "Não há interrupção das hostilidades no sul de Gaza e as operações em Rafah continuam". A pequena trégua diária foi anunciada um dia após a morte de 11 soldados israelenses, oito deles na explosão de uma bomba na Faixa de Gaza.

O intervalo ocorrerá das 8h às 19h (2h às 13h, no horário de Brasília) "todos os dias e até novo aviso"

na área de Kerem Shalom, passagem fronteiriça no sul de Israel, para a rodovia Salahedin, em Gaza, e em direção ao norte do território palestino. A decisão foi tomada para permitir o "aumento no volume de ajuda humanitária a Gaza", anunciaram as forças de defesa após negociações com a ONU e outras organizações.

Divisão

Apesar de agradar países aliados, a decisão tocou os narizes dos membros mais radicais do governo. "A pessoa que tomou a decisão de estabelecer uma pausa enquanto nossos soldados caíam em combate é má e estúpida", criticou o ministro da Segurança Nacional israelense, Itamar Ben Gvir.

O ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, disse que a ajuda humanitária permite manter o Hamas no sul de Gaza e as operações em Rafah continuam. "A pequena trégua diária foi anunciada um dia após a morte de 11 soldados israelenses, e derrubar coalizão.

Netanyahu havia prometido uma "vitória total" contra o Hamas. Ele classificou a operação em Rafah como a última

AFP



Apesar das tréguas, outras regiões continuam sendo atacadas

ofensiva aos batalhões restantes do grupo em Gaza. Todavia, a morte dos 11 soldados no fim de semana colocaram um ponto de interrogação sobre as chances de seu objetivo se cumprir.

Além disso, no sábado, grandes protestos ocorreram em Tel Aviv. As pessoas pediam que Netanyahu desse um ponto final para o conflito e assinasse um acordo para resgatar os 120 reféns israelenses.

As diferentes opiniões revelam que Netanyahu está entre a cruz e a espada: vencer definitivamente a guerra ou viver numa batalha que irá se arrastar, consumindo recursos israelenses e internacionais, além de vidas.

Pequenos avanços

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou que "começamos" a decisão, mas pede que "leve a novas ações concretas" para facilitar a entrada de ajuda humanitária, disse Jens Laerke, porta-voz do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Ocha).

A organização alerta há tempos que é difícil entregar a ajuda à população, que vive sem acesso à água, alimentos e medicamentos, devido aos ataques e restrições. A Faixa de Gaza está mergulhada em uma grave crise humanitária, com 75% dos seus 2,4 milhões de

Palavra de especialista

Estratégia

"A pausa tática me parece mais um recurso retórico e uma medida insuficientemente paliativa de ajuda humanitária, além de um pequeno sinal para as demandas da chamada comunidade internacional,

que se diz preocupada com a população Palestina, mas que pouco age para punir o Estado de Israel por conta de seus crimes de guerra e contra a humanidade."

Isabela Agostinelli dos Santos, professora e doutora em relações internacionais

habitantes deslocados pela guerra e a população ameaçada pela fome, segundo a ONU.

Enquanto isso, Rafah, no extremo sul da Faixa, onde o Exército israelense iniciou uma ofensiva terrestre no início do mês passado, não vê indícios de pausas nos ataques. A ofensiva já deixou pelo menos 37.337 mortos em Gaza, a maioria civil, de acordo com o Ministério da Saúde do território palestino.

Conflitos nas redondezas

Karime Cheaito, doutoranda em Relações Internacionais pelo San Tiago Dantas e pesquisadora sobre Líbano e Hezbollah, pontua que a opinião pública internacional e interna é desfavorável a Israel. "A liderança de Netanyahu vê tanto um desentendimento entre os membros do seu governo como tem enfrentado uma pressão popular doméstica. Fato é que o governo

e a população israelense sabe que Hezbollah tem um poder mais forte que o Hamas e que abrir uma frente de guerra com esse ator não seria uma estratégia eficaz."

"Na minha perspectiva, Hezbollah vai continuar utilizando a estratégia que tem desenvolvido desde o dia outubro: realizar ataques para despressionar, minimamente, a ofensiva em Gaza e, principalmente, para dissuadir Israel, ao demonstrar que seu armamento é ainda maior e mais desenvolvido do que foi na guerra de 2006." Segundo a especialista, há rumores de que as forças de defesa israelense sairiam pontualmente de Gaza para se concentrar no norte e abrir uma frente de guerra com o Hezbollah. "Isso mudaria os rumos atuais do genocídio e poderia tornar a região ainda mais instável, com a abertura de uma possível guerra com potencial de uma escala ainda maior."